

Vanguarda Socialista

NESTE NÚMERO :

PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS, Bahia. — COOPERATIVISMO E SOCIALISMO, Murilo. — SOCIALISMO E SINDICATO, Elói. — LINGUAGEM DE HOLLYWOOD (IV), James T. Farrel. — AUTONOMIA SINDICAL E DIREITO DE GREVE, Hilar Leite. — POR UMA EUROPA SOCIALISTA, Fenner Brockway. — NOTAS.

ANO III Sexta-feira, 17 de Outubro de 1947 N. 112 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação : RUA MEXICO, 98 - 7.º ANDAR — SALA 708 • Diretor : MARIO PEDROSA

Um modelo de tenacidade revolucionaria

"VANGUARDA SOCIALISTA" acaba de perder um de seus mais fiéis companheiros. Em José de Oliveira Salvador o proletariado brasileiro perde um dos seus elementos mais típicos, tanto pelos possíveis defeitos como pelas qualidades. Salvador vinha das primeiras gerações revolucionárias da classe trabalhadora brasileira. Morre, prematuramente aos 50 anos.

Ele formou sua consciência revolucionária aos lampejos da Revolução russa, embora doutrinarmente tenha sido um filho do anarquismo, em cuja ideologia se educaram, aliás, os primeiros militantes proletários do país. Ao entrar na maioridade, Salvador vestiu farda, e participou em todos os levantamentos rebeldes não o permitia assistir impassível aos acontecimentos políticos do tempo. A disciplina da caserna não pôde, contudo, domar o seu instinto de rebelde e sua flama revolucionária.

Ávido de cultura, de saber, abrazado de idealismo libertário, ele se impôs, mal grado sua revolta inata, na caserna, e de promoção em promoção, chegou ao posto de sargento, quando o levante de 22 o pegou, deitando o final fora do Exército. Da caserna voltou "à produção", isto é, à pequena oficina, onde se dedicava ao artesanato.

Os primeiros militantes sociais do país vieram quase todos do artesanato. O individualismo rebelde de seu temperamento foi em parte desenvolvido pelo ambiente moral da pequena oficina. A disciplina da grande fábrica não chegou a atingi-lo, pois, naquela época, a industrialização do Brasil apenas começava, e fora das fábricas de tecidos ou de certas oficinas ferroviárias, o mais não passava de pequenos ateliers, de fabricações, que pouco se diferenciavam da loja do artesão.

Nesse meio é que pregaram e semearam os primeiros professores de revolução do nosso proletariado, isto é, os anarquistas. Salvador sentiu os influxos dessa educação. O anarquismo, com o seu fasciante apelo a tudo o que é nobre e indomável no espírito humano, era bem a doutrina que podia satisfazer o temperamento ardoroso de nosso camarada.

Como sucedeu, porém, com tantos outros, cedo a poderosa influência da Revolução russa, e, através desta, do marxismo, se fez também sentir sobre ele. A mística da primeira revolução proletária vitoriosa, o fascínio das personalidades de seus grandes condutores, como Lenine e Trotski, arrebataram-no, a ele como aos jovens proletários e revolucionários do mundo, para o comunismo.

Ele foi, assim, dos primeiros recrutas do comunismo brasileiro, e participou dos passos iniciais do Partido Comunista do Brasil, hoje comandado por burocratas sem alma, energúmenos

sem visão ou carreiristas sequiosos de poder.

Salvador, no entanto, entrava nas fileiras comunistas, atraído por sua energia revolucionária, a genialidade de seus grandes chefes, a sua mensagem apocalíptica ao mundo capitalista, já mergulhado, então, nos primeiros setores da agonia. A dialética implacável e invencível do marxismo, traduzido em bolchevismo russo, o fascinava.

Dentro do partido, contudo, não se dobrava ele, facilmente, às resoluções dos comitês dirigentes. Para ele, o comunismo era, no fundo, o anarquismo armado de uma disciplina. Era a revolução, não mais em imagens românticas de barricadas e bandeiras vermelhas, mas definida cientificamente, como engenharia social. Nêle, o militante disciplinado e eficiente do partido, não sufocava a alma intrépida de revoltado.

Naquela época, porém, quando ninguém punha em dúvida o internacionalismo revolucionário e desinteressado dos grandes líderes russos e o prestígio da direção russa estava ainda, por isso mesmo, intacto, já ele reagia, com seguro instinto proletário, a tudo o que vinha de cima, mas sem bastante poder de persuasão, a tudo que lhe pa-

recia obscuro ou duvidoso. Como aconselhava o próprio Lenine, jamais confiava ele, sem exame e verificação pessoal, na palavra dos chefes, por mais aureolados que fossem. Seu instinto libertário, fazia-o desconfiar de toda expressão satisfeita de comando, de todo gesto que pudesse revelar os germes de burocracia. Odiava, no partido como nos sindicatos, a figura do "bonzo", do burocrata satisfeito e prepotente.

O anarquismo lhe injetou para sempre a salutar desconfiança pelos "chefes", pelas igrejinhas, pelos embriões de oligarquia, vícios inerentes aos agrupamentos partidários e às organizações de massa cristalizadas.

Essa própria atitude de suspiçacia, de reserva, levava-o a procurar conhecer, por si mesmo, a razão de ser das cousas, as ordens da direção, as mudanças táticas, a linha política geral que descia, já traçada, do topo supremo da Internacional Comunista. Daí seu extremo interesse pelas grandes questões em debate na Internacional; — O gesto que tinha pelos estudos teóricos.

De começo, esse amor à teoria, esse esforço patético pela cultura, lhe deram não sei que de pedante, de pernóstico mesmo, por vezes. Isso se traduzia, por exem-

plo, no uso que fazia frequentemente de palavras difíceis, empregadas fora de propósito ou erradamente, ou mal pronunciadas. A gente de fora, os doutores da burguesia se riam, com desprezo do proletário que falava difícil, e se estrepava. Nos outros, porém, que também frequentavam as escolas superiores e liamos livros complicados, nós nos mordíamos de ódio, ao perceber o riso superior ou desdenhoso desses burgueses letrados, e bem comidos, com papai e mamãe para lhes ensinar a rezar e a ter boas maneiras, a não estropiar nomes estranhos. E' que víamos nessas silabadas de Salvador e outros camaradas de sua tempera o balbuciar trôpego, inhábil mas fecundo de um jovem proletário, inexperiente e atrasado, empenhado, porém, em ascender à cultura, humanizar-se, libertar-se da exploração em que vive e da ignorância em que jaz.

Os tremendos obstáculos no caminho da Revolução russa conjugados às pavorosas derrotas do proletariado mundial, que se sucederam, sem interrupção, desde o fim da primeira grande guerra, para culminar na subida de Hitler e na Segunda, sacudiram os partidos comunistas de alto a baixo.

Não sendo um páu mandado inconsciente, nem o energúmeno que acreditava na infalibilidade dos chefes, alheio àquelas



José de Oliveira Salvador

grandes questões de cuja solução dependia, entretanto, a sorte da própria causa, o nosso camarada não se contentava com as pilulas manipuladas pela di-

reção para uso da "base". Ao contrário, ele procurava estudar e aprender, seriamente, para julgar com conhecimento de causa, tomar posição por conta própria.

Todas essas questões e dificuldades se exteriorizavam nas lutas intestinas que explodiram dentro do partido matriz e do Comitê Executivo da Internacional. Eram questões decisivas de estratégia da revolução mundial numa fase de estabilização do capitalismo, depois da primeira guerra, tanto na Europa como no Extremo Oriente; eram questões que punham em jogo a vida do Estado soviético, às voltas, então, com o problema do kulak, da industrialização e da ascensão paulatina da nova casta burocrática.

Todos esses choques vieram repercutir também no Brasil, e tocaram também de perto o nosso amigo, como a todos nós, revolucionários conscientes que então militávamos nas fileiras do comunismo.

A degenerescência da Revolução russa, o triunfo da burocracia sobre os representantes mais legítimos do proletariado russo, como Trotski e seus companheiros, as derrotas sucessivas na Itália, na Alemanha, na China e em outros países menores, não só acabaram de isolar o Estado soviético, como alteraram profundamente a vida interna de toda a Internacional, quebrando-lhe a homogeneidade espontânea e ingênua dos primeiros anos, e formando os militantes mais responsáveis de se situarem em face dos acontecimentos, em face da luta gigantesca travada dentro do próprio estado-maior da revolução, e que dividiu para sempre os sucessores de Lenine.

A revolução chinesa teve imensa repercussão no seio do partido brasileiro. A direção partidária, já enfadada ao carro da burocracia nascente, defendia para o Brasil a formação de um Kuomintang como na China. Prestes, que havia acabado de lançar manifesto, de seu exílio de Buenos Aires, faria aqui a vez de Chiang-Kai-Chek.

Brandão, o gordo burocrata senil de hoje, então magro secretário obediente, era o teórico dessa concepção, de parceria com Astrogildo Pereira, o futuro capitulacionista. Mas, por artes do diabo, Chiang-Kai-Chek não quis saber de histórias, e depois de usar e abusar do auxílio e prestígio que lhe deram a Internacional Comunista e a Rússia, já sob inspiração de Stalin, mandou às favas a aliança, e massacrôu os comunistas em massa, cometendo uma das mais infames traições e carnificinas de todos os tempos. O escritor Malraux conta o episódio, em páginas dramáticas, no seu livro A Condição Humana.

A traição do generalíssimo chinês não só foi um desmentido brutal às concepções de Stalin-Bukharin, sustentadas aqui pela dupla Brandão-Astrogildo, mas uma confirmação esmagadora das advertências da Oposição de Esquerda, liderada por Trotski. Salvador tomou partido, diante dos fatos, ao lado dos "oposicionistas".

Por outro lado, a prática sindical dos comunistas naquela época já era a mais desastrosa possível. A fim de "politizar" as lutas da classe operária, a direção do partido transformava a menor greve num acontecimento político de grande transcendência. Como o partido era ilegal, a tática da direção consistia em fazer dos sindicatos meios órgãos de expressão legal de sua política. As sedes dos sindicatos dirigidos por comunistas, eram transformadas em células partidárias. Uma simples greve local de padeiros era aproveitada, pela direção do partido, como trampolim político. Em lugar das reivindicações específicas

Perspectivas internacionais

As perspectivas internacionais para os próximos meses são as mais sombrias possíveis. O momento culminante do entrelaçamento entre as grandes potências se dará precisamente em Novembro, na Conferência de Londres, quando mais uma vez o problema alemão voltará à agenda. Pode-se interpretar os movimentos táticos ofensivos e defensivos já realizados ou em curso das grandes potências na Europa como o *background* da luta pelo domínio da Alemanha, o que vale dizer, pelo domínio da Europa.

Na análise das duas estratégias, russa e americana, na Europa, é preciso partir da premissa de que ambas as potências não esperam mais uma solução de colaboração. Tanto a Rússia como os Estados Unidos têm o "seu plano" para dominar a Europa e expulsar do continente a outra potência.

Nesta questão não importa saber quem é o agressor e também qual das duas potências a que primeiro formulou o seu plano independente, anti-colaboracionista. Os germes da luta, que hoje se tornou aguda, vão ser encontrados ainda em plena guerra, quando Rússia e Estados Unidos lutavam juntos contra a Alemanha. Toda a demagogia, toda a argumentação tendentes a "apontar" o agressor ao julgamento no tribunal da história, apenas ser-

vem de justificação moral para a guerra. Os Estados Unidos, de um lado, levam a bandeira da "democracia" e "da liberdade humana"; a Rússia, do outro, acena com o "socialismo" e com a "libertação humana". As duas potências necessitam, e é esta a verdade, de duas bandeiras que arrastem os povos para a carnificina atômica.

Por outro lado, torna-se irrisório argumentar com a justificação de atos ofensivos, como os que vêm praticando a Rússia e os Estados Unidos, em termos de

defesa própria ou de soberania nacional.

O que o mundo assiste estabelecido é a uma luta de poder entre duas super-potências em que o "agressor" é o capitalismo (na Rússia, o capitalismo de Estado, nos Estados Unidos, o capitalismo americano). As potências se agredem porque não há lugar para dois capitalismo no mundo tão pequeno do século XX.

Convém lembrar ainda que o fator soberania tão ardentemente citado pelos russos e america-

nos em seus documentos públicos e "revolucionários" só entra em linha de conta quando, ocasionalmente, serve de argumento ou justificação moral para atos, atitudes ou interesses de uma das duas potências realmente soberanas.

A divisão da Europa em dois blocos por uma linha fronteiriça erigida por balonetas, em pleno coração da Alemanha, prova o quanto é fictício e falso falar-se em soberania no que se refere às pequenas e médias po-

(Cont. na pág. 2)

A lei organica da Previdencia Social

A Comissão de Legislação Social está discutindo o ante-projeto de lei organica da Previdencia Social, de autoria do deputado Aloisio Alves, da U. D. N. do Rio Grande do Norte, que em linhas gerais representa um passo à frente na democratização e na melhoria da organização da Previdencia Social, não obstante conter pontos mercedores de crítica, já anteriormente feitas por nós. O ante-projeto Aloisio Alves vem merecendo apoio daquela co-

missão, parecendo assegurada a aprovação do trabalho do parlamentar nordestino.

Numa de suas ultimas reuniões, discutiu a comissão o capítulo referente aos "beneficiários", não tendo aprovado a equiparação da "companheira" à esposa legítima, apesar de apoiar a formula de amparo contida no projeto Aloisio Alves.

Eis uma decisão que não pode passar sem comentários. Na matéria da Previdencia Social, não

podem os legisladores, sob pena de cometer graves erros e praticar terríveis injustiças, se nortearem pelos preconceitos religiosos ou jurídicos dominantes na sociedade. Os beneficiários da Previdencia Social podem ser considerados como herdeiros, aos quais se devam aplicar, em todas as suas consequências, o direito burguês de herança. A Previdencia Social diz respeito ao proletariado, e por isso mesmo os legisladores têm de se libertar de preconceitos burgueses, religiosos e jurídicos ao considerar a matéria.

A recusa de equiparação da "companheira" à esposa legítima é um erro e uma injustiça. Suas consequências serão prejudiciais à mulher proletária. A deliberação da Comissão de Legislação Social da Camara não corresponde à realidade das relações existentes na classe operária. Vejamos um exemplo: Os trabalhadores na realidade seguem processos muito mais simples do que os burgueses para a terminação da sociedade conjugal. Não tendo bens para dividir ou defender, não recorrem a desquite ou a processos judiciais. A sociedade conjugal termina por um simples ato de abandono, por parte do marido ou da mulher, não tendo importância o

COOPERATIVISMO E SOCIALISMO

É geralmente reconhecido pelos teóricos e vulgarizadores do cooperativismo que o "pai do cooperativismo moderno" é Robert Owen, o genial utopista inglês, que tudo sacrificou na defesa e realização de suas idéias comunistas, geradas, pode-se dizer, pela contabilidade, pelas suas imensas experiências em New Lanark.

No, entanto, nem todos reconhecem à cooperativa o enorme papel que Owen traçava para tais organizações. Para Owen, as cooperativas cabia preparar o ter-

reno da economia para o comunismo, para a posse em comum dos meios de produção e de troca. Não limitava a cooperativa ao mero papel de órgão de luta contra a vida cara, contra a especulação, com objetivos imediatos e restritos. Ao contrário, para o genial inglês as cooperativas destinavam-se a ser o veículo da transformação da sociedade e preparavam o advento da propriedade social dos meios de produção e de troca. O cooperativismo era, assim, penetrado de um amplo ideal socialista.

Encontramos essas mesmas idéias de amplo socialismo nas concepções do "pai da cooperação francesa", Fourier. E em todos os outros pioneiros da cooperação, Blanqui, Buchez. O mesmo se verifica em Plockboy, que sonhava com uma associação econômica na qual se conservaria a propriedade privada, mas com o desaparecimento da exploração de uns pelos outros.

As diversas teorias cooperativistas dos grandes pioneiros tinham de comum um profundo e amplo socialismo. Em geral, po-

de-se afirmar, para os criadores das teorias cooperativistas, as cooperativas nada mais eram senão o instrumento para que a sociedade pudesse passar do capitalismo, da propriedade privada capitalista dos meios de produção e de troca, para um regime de propriedade comum, social desses mesmos meios. A monopolização capitalista desses meios, produtivos e de troca começaria a ter fim com o desenvolvimento do cooperativismo. Já demonstramos, nestas colu-

(Cont. na pág. 2)

(Continua na 2.ª pág.)

Cooperativismo e Socialismo

(Continuação da 1.ª página.)
nas, que o socialismo está contido na própria estrutura das cooperativas e não pelas teorias socialistas sobre o cooperativismo. Os pioneiros, os codificadores das teorias clássicas cooperativistas criaram seus sistemas e nortearam a sua ação prática tirando as consequências impostas pela estrutura das cooperativas, isto é, reconhecendo que as cooperativas, que nada mais são que comunidades de homens dedicados, em conjunto, a uma mesma atividade, negando a propriedade privada e a exploração, eram instrumentos para a criação de uma sociedade cujos meios de produção e de troca fossem de propriedade comum e social.

É sabido, por outro lado, que um dos mais antigos pioneiros do cooperativismo, John Bellers, considerado por Marx como "um verdadeiro milagre na história da economia política, porque reconhecia que o trabalho e não o dinheiro constituíam a riqueza de uma nação" e tanta influência exerceu na obra de Robert Owen, visava, com seu "colejio", que unia a agricultura à indústria, pretensão mostrar a superioridade da economia coletiva sobre a individual.

Esse caráter coletivo, comunitário, já se observam nas organizações primitivas com características cooperativas, como as "queijarias" existentes no Jura e na Saboia e nas "leitarias" da Arménia, na "zadruga" servia, no "nir" e no "artel" russos, nos mosteiros medievais no campo econômico, no "manoir" e nas corporações da Idade Média.

As organizações apontadas acima, são consideradas como tipos primitivos de cooperação e os historiadores modernos reconhecem nelas o caráter de exploração econômica coletiva social, democrática. Seus membros gozavam dos mesmos direitos e intervêm ativamente nas direções e administração. Em algumas, os meios de produção são de propriedade comum, da própria organização. Em outras, as matérias primas e os instrumentos de trabalho são de propriedade comum, mas o produto elaborado pela organização é de propriedade coletiva social.

Por suas origens, pela sua es-

trutura, pelos sistemas de seus grandes teóricos, as cooperativas são anti-capitalistas, e em todas está contido um ideal amplo de socialismo, de democracia. A cooperativa, é acima de tudo, uma comunidade democrática e igualitária, proprietária coletiva de seus fundos ou dos produtos ou dos instrumentos desse trabalho. A propriedade coletiva, social, está sempre presente na organização cooperativista.

O desconhecimento da história do cooperativismo, o obscurcimento de suas finalidades socialistas, e de sua estrutura coletiva têm levado muita gente a aceitar, como bons produtos do cooperativismo, as deturpações introduzidas nas idéias cooperativistas, devido a interesses econômicos e políticos capitalistas. A deturpação chega às raízes da monstruosidade em certas pessoas que pelem por um cooperativismo compulsório, isto é, o Estado forçando todos a entrarem numa cooperativa, mantendo o governo o direito de fiscalização e intervenção, para que a coopera-

tiva não se desvie dos limites, que são traçados pelo próprio Estado.

Julgamos ter demonstrado, com esta série de artigos, o profundo erro dos que pretendem, por conhecerem unilateralmente o movimento do cooperativismo, opor cooperativismo a socialismo. Evidentemente para nós socialismo não é o capitalismo de Estado existente na Rússia. Socialismo não é estatização, nem tão pouco "dirigismo" estatal. É de acordo com a famosa definição do Congresso de Genebra da I Internacional, um amplo sistema harmonioso de trabalho livre e cooperativo.

Outra coisa que é preciso ficar bem claro é que para que o desenvolvimento do cooperativismo possa alcançar suas últimas consequências é preciso que o proletariado, como uma grande classe popular, conquiste o poder político. Por seus próprios meios, a cooperação não tem força para destruir o capitalismo, porque este, sistema dominante, mina a própria Cooperativa e faz surgir no seio desta os traços característicos do próprio capitalismo, de modo que a cooperativa, apesar da vigilância consciente dos cooperados, está sempre ameaçada de corromper-se em organização tipicamente capitalista. A resistência da cooperativa à corrupção capitalista e ao Estado é-lhe fornecida pelo proletariado, pelo grau de maturidade política e ideológica dos operários. A Alemanha hitlerista, a Itália mussoliniana e a Rússia stalinista demonstraram a fraqueza da cooperativa em reagir aos assaltos do Estado totalitário, quando o proletariado foi liquidado como classe organizada e independente.

Aqueles que só concedem à cooperativa objetivos limitados de ordem econômica, cassando-lhe qualquer ideal amplo, socialista, costumam muitas vezes citar os pools de trigo do Canadá, como demonstração das possibilidades do cooperativismo. Apresentam os pools como a quintessência do cooperativismo. Por ignorância ou por má-fé, no entanto, não citam os debates do XIII Congresso da Aliança Cooperativa Internacional, reunido em Viena, em agosto de 1930. Badaieff, chefe da delegação russa, observou que, "ainda que em geral se considerasse os pools de trigo do Canadá como autênticas organizações cooperativas, na realidade estavam sob a tutela dos banqueiros capitalistas e portanto não podia trabalhar no sentido de buscar satisfazer os verdadeiros interesses dos consumidores" ("Historia das doutrinas cooperativas" — Wladenatz). Warbasse, dirigente da cooperação de consumo nos Estados Unidos, protestou no Comité Central contra a admissão do pool canadense na Aliança, sustentando que tinha uma base capitalista" (Wladenatz — obra citada).

Basta, para tais pessoas, que as organizações apresentem formas cooperativas para que sejam consideradas como tais. Como não concedem nenhum ideal socialista, amplo, à cooperativa, não fazem questão do conteúdo real dessas instituições revestidas das formas ou às vezes só dos rotulos do cooperativismo.

Hoje, nesta época de capitalismo de Estado, de totalitarismo, que é preciso é acentuar os característicos socialistas, comunitários das cooperativas, os seus traços comuns com o socialismo, considerados independentemente das diferentes doutrinas cooperativistas e socialistas, pois só assim é que as cooperativas poderão ser tornar comunidades independentes resistentes, capazes de enfrentar o Estado nos seus assaltos totalitários, mantendo-se como núcleos autônomos e democráticos.

Devem ser as cooperativas compreendidas agora, como o foram por Robert Owen: órgãos de transformação da sociedade do atual sistema de opressão e exploração para um sistema amplo e harmonioso de trabalho livre e cooperativo, que outra coisa não é senão o socialismo, o comunismo, como entendiam Owen, Marx, Engels, e Luxemburg.

MURILLO

Um modelo de tenacidade...

(Continuação da 1.ª pág.)
cas, particulares, dos grevistas, o que aparecia em boletins, manifestos e memoriais, eram palavras de ordem políticas, como "legalização para o P. C. B.", "Reconhecimento da URSS", "libertação de Thaelman", "Abai-Chiang-Kai-Chek", etc. Escusado é dizer que, por essa forma, os famosos dirigentes comunistas botavam a greve a perder. Em compensação, podiam esses incipientes burocratas mandar recortes de jornais burgueses que falavam neles, para Moscou, e, assim, fazer farol junto ao Supremo Comando.

Como para tantos outros militantes proletários conscientes, líderes sindicais responsáveis, para o nosso companheiro também, a vitória ou a derrota de uma greve não era pretexto para fazer farol nas altas esferas do Comintern. Era uma coisa sagrada, de que resultava a miséria na família de milhares de operários sacrificados. A insensibilidade de direção sindical do partido nessas matérias revoltou-o profundamente, e ele se levantou, juntamente com os melhores militantes do partido naquela época, contra essa política de aventurismo dos dirigentes comunistas.

A medida que as derrotas internacionais se sucediam, que a Rússia se isolava das massas proletárias do ocidente, a burocracia tomava a suprema direção do partido russo, e dos postos de comando do Estado soviético. Os efeitos dessa burocratização crescente não ficaram limitados ao país dos soviets; espalharam-se também por toda a Internacional; com exceção de dois ou três, para confirmar a regra, todos os líderes comunistas dos primeiros tempos, os caracteres mais independentes, os homens que vieram das provações da guerra ou tinham um passado próprio nas lutas sociais de seu país, foram tangidos da direção dos partidos, expulsos, ou forçados a deixar a própria organização. A democracia interna que mais ou menos florescia, ou ainda vegetava, no seio dos partidos foi, afinal, completamente liquidada, e inaugurou-se o reino dos monolitismos totalitários. Era evidente que, nessas condições, já não havia clima para militantes independentes da marca de Salvador.

Fora do partido, ele alistou-se na Oposição de Esquerda, quando esta tomou forma internacionalmente, por volta de 1929-30. Coincidu isto com a expulsão de Trotski da Rússia, e seu primeiro exílio em Stambul, na ilha de Prinkipo. No Brasil, constituímos em 1930 o primeiro grupo oposicionista consequente, o Grupo Comunista Lenine, com um jornal impresso ilegal, A Luta de Classe.

Desde então se manteve ele fiel à plataforma da Oposição trotskista, embora sustentando uma posição mais radical em relação à Rússia.

Nessas posições ideológicas se conservou até 1945, quando apareceu "VANGUARDA SOCIALISTA". Depois de algumas hesitações, naturais num militante inquebrantável como ele, Salvador evoluiu com o nosso grupo. De ha muito que deixara de considerar a Rússia como um "Estado operário" mesmo degenerado, conforme a via e suposta fórmula trotskista, para vê-la como realmente é, — um regime totalitário de capitalismo

de Estado, com uma burocracia que funciona como classe dirigente, apoiada numa economia de exploração do homem pelo homem. Ele fez também conosco a revisão do bolchevismo, e voltando às fontes históricas do socialismo, retomava os velhos ideais libertários e humanistas deste, preconizando uma forma de organização política muito mais próxima de Rosa Luxemburgo do que de Lenine e Trotski.

Doente, incapaz de continuar a trabalhar, recolheu-se ao interior de Minas, onde morreu. Suas últimas atividades militantes foram de colaboração na "VANGUARDA SOCIALISTA". Numa das mais recentes colaborações suas, de 15 de julho do corrente ano, ele nos dava, sob o pseudônimo de Josal, uma excelente reportagem sobre a vida do operário do ferro e do aço do Vale do Rio Doce, Minas. Sua observação era precisa, como preciso o diagnóstico feito, baseado nos métodos de análise do marxismo.

Depois de mostrar a miséria dos trabalhadores de Minas, seus irmãos, que ele descreve, em síntese conclusiva, "sem proteção das leis, do governo, de sindicatos capazes de denunciar tais arbitrariedades, sem transporte e reclusos pelas vastidões dos latifúndios, sem hospitais e sem escolas, imersos em profunda ignorância quanto aos seus direitos", observa que é, entretanto, essa massa que "vegeta", que, "desta forma, vai produzindo o que pode, alimentando o que hoje se conhece por fortuna particular dos felizes pro-

Por uma Europa Socialista

(Continuação da 4.ª pág.)
nônicos e administradores americanos.

Nessas circunstâncias, que faria o governo Trabalhista britânico? Qual seria a resposta dos socialistas europeus com a poderosa influência em vários governos?

Por mim, sugiro que as forças do socialismo europeu peguem na palavra dos americanos. Marshall declarou que não deseja interferir, que o único propósito dos americanos é encorajar a unidade europeia no planejamento da recuperação econômica. Muito bem: que os governos europeus se unam nessa base.

De uma a outra ponta da Europa, o princípio da economia planificada de Estado na base da propriedade pública, é agora aceito. Os bancos, as minas, os transportes, e a eletrificação foram nacionalizados.

O próximo passo será europeizá-los.

Bevin elogiou o projeto de eletrificação dos Alpes, que suprirá a Itália, a Iugoslávia e a Suíça de energia elétrica comum, a despeito do intenso antagonismo político que divide esses Estados. O princípio seria aplicá-lo à Europa inteira.

Os seus recursos econômicos seriam supervisionados em conjunto e ordenados, como o mundo. Se isso fosse feito verificaria-se-lhe que as fronteiras nacionais são economicamente obsoletas.

Por exemplo, não é somente o Ruhr que é o âmago econômico

prietários que vivem no Rio ou nas capitais da Europa". A situação seria outra, arremata ele, "não fora a indiferença com que se olha a organização sindical por essa massa de operários".

Nessa conclusão se trai o velho militante sindicalista, que avalia em toda a sua profundidade o formidável papel educador e progressista que pode exercer a luta sindical independente, no seio de uma massa assalariada ignorante e explorada. Mas o velho lutador não desanima, embora saiba ser, como ele diz, longo o processo na cadeia evolutiva das lutas sociais".

Seu otimismo revolucionário não arrefece, e ele cita em apoio a esse otimismo, o "velho pensador alemão" para quem "o homem pensa segundo suas necessidades e a História mostra a evidência dos fatos". "Os trabalhadores de Minas", terminava o "nosso querido companheiro" o seu trabalho, "não desmentirão a História".

Nós, também, confiamos que nem "os trabalhadores de Minas" nem os do Brasil nem os do mundo desmentirão... o nosso modesto correspondente do Vale do Rio Doce, que nunca soube, ou quis ser, na vida, senão um rebelde de espírito indomável e puro, um militante consciente da emancipação dos trabalhadores.

"VANGUARDA SOCIALISTA" se dobra diante do combatente caído, e promete continuar fiel às suas esperanças, lutando até o fim por que elas se realizem.

MÁRIO PEDROSA

da Europa. As minas se estendem pela fronteira francesa. A indústria do aço se espalha pela Bélgica. Toda essa área na Europa seria panejada como uma unidade.

A Rússia queixou-se de que os socialistas ocidentais colocaram a democracia política antes da democracia econômica. Eis aqui a oportunidade para colocar em primeiro lugar as considerações econômicas. Quanto melhor seria que Molotov tivesse apresentado esse objetivo à Europa.

Permanece ainda essa oportunidade para Bevin e nosso governo trabalhista. Possam eles servir de guias aos socialistas da Europa, na preparação de um plano econômico que varra as fronteiras políticas e estenda a propriedade pública nacional em propriedade continental.

Pode ser que a América se recuse finalmente a oferecer o seu auxílio a um tal plano. Mesmo assim, porém, a situação na Europa seria consideravelmente melhorada.

Os povos europeus encontrariam novas forças na sua cooperação e a coordenação econômica iria muito longe no sentido de resolver vários dos seus mais urgentes problemas. A unidade econômica da Europa daria a esses povos um novo poder e lhes permitiria negociar os viveiros e matérias primas de que necessitam. Dar-lhes-ia até mesmo uma nova força para enfrentarem o poder do dólar todo-poderoso.

("The Call", 13 de agosto de 1947)

A lei organica da Previdencia...

(Continuação da 1.ª pág.)

que dizem e escrevem juristas, moralistas e sacerdotes sobre o matrimônio.

O abandono resolve todas as dificuldades e não usa nenhuma máscara hipocrita de desquite, anulação de casamento ou divórcio. Depois do abandono, o marido e a mulher se conside-

Perspectivas...

(Continuação da 1.ª página)

tências. Suas "soberanias" estão absorvidas dentro das fronteiras estratégicas das soberanias da Rússia e dos Estados Unidos.

A idéia de soberania se substancia na existência de poder militar e econômico. Não existindo este poder, a soberania de um país não pode afirmar-se no trato independente das questões internacionais e muito menos nas lutas armadas. Não existe soberania para um país quando cessa a sua possibilidade de defender suas fronteiras militares e interesses econômicos no mercado mundial.

É ridículo, pois, ver-se o documento do novo Comintern, a "nova internacional comunista", proclamar a todos os "comunistas" do mundo a "tomar em suas mãos a bandeira da defesa da independência nacional e da soberania de seus países... a defender a causa da honra e da independência nacional...". quando todos sabem que a soberania desses países desapareceu no dia em que se tornaram impotentes para guardar suas fronteiras. Hoje em dia, não se pode falar nem em soberania inglesa! As ilhas britânicas não resistiriam a quatro semanas de bloqueio da esquadra americana, atualmente bem maior que a Home Fleet. A França aguentaria por muito pouco tempo um ataque duplo do exército russo e da terceira coluna comunista existente em todo o seu território. Que dizer então da "soberania" iugoslava, búlgara, rumena etc!!!

De uma maneira geral, a soberania das potências caudatárias subsiste em função da soberania real das duas grandes potências, em função do amparo que elas lhes dêem em suas ações. Isto é, a soberania existe não como soberania auto-suficiente e independente em suas iniciativas ou reações internacionais, mas como soberania-membro, soberania-participante da Soberania da Grande Potência; ou então, como exceção, a soberania da pequena potência se afirma de uma maneira relativa, explorando os choques entre as grandes potências.

Os "comunistas" de Belgrado querem defender a "soberania" nacional da Itália e da França contra os vóos do imperialismo americano. Por seu lado, os americanos, em defesa da "soberania" e da "independência" da França e da Itália irão à guerra. Ambos, imperialistas e "comunistas", querem defender a "soberania" dos referidos países. O mais certo, porém, é que eles venham a perder o que lhes resta em soberania real, seja na mão de um ou de outro defensor de sua "soberania"...

(Continua na 3.ª pág.)

MURILLO

Autonomia Sindical e Direito de Greve

A instalação da sub-comissão encarregada de elaborar as leis complementares à Constituição sobre sindicatos e regulamentação da greve vem colocando novamente em ordem do dia, em escala até agora não conseguida, essas duas questões fundamentais para o movimento proletário do Brasil e para a democracia, que só se fortalece à medida em que se fortalece e se engrandece o movimento operário.

Serão relatores, João Mangabeira, do FSB, e Gurgel do Amaral, do PTB, da lei sindical e da lei de greve, respectivamente. Chegou o momento de se mobilizar todas as forças para reunir os trabalhadores em torno desses dois problemas. Daí acharmos um crime contra a classe operária, contra a democracia, contra o movimento operário, as campanhas desencadeadas pelos comunistas e por certas forças democrática em torno dos "esquemas" dos generais Horta Barbosa e Juarez Távora para a exploração do petróleo, por-

que estas campanhas, cujos resultados não terão influência sobre as condições sociais das massas proletárias, desviarão a atenção dos trabalhadores e dos democratas da luta pela autonomia sindical e do direito de greve, fundamentais para a elevação das condições sociais, econômicas e políticas dos trabalhadores de todas as profissões, maioria da nação, incontestavelmente.

Ao invés de dedicar-se a esta campanha, cujos resultados terão a maior significação social, preferem comunistas e certos mocratas desviarem as suas forças e as atenções das massas para a questão do petróleo. Compreendem-se os motivos pelos quais se movimentam os comunistas em torno do petróleo. Que-

rem eles mobilizar os trabalhadores, em torno do plano nacionalista do general Horta Barbosa. De um lado perseguem eles o programa de industrialização e de fortalecimento do Estado nacional, caminho do capitalismo de Estado. De outro lado, visam com tal campanha ligar-se a setores da burguesia nacional e do próprio governo, de maneira a ter novas coberturas e evitar que, pelo menos, neste momento, os Estados Unidos consignam por a mão em novas reservas petrolíferas necessárias à guerra.

Os democratas, também interessados no petróleo, são movidos pelo patriotismo de ver o país com seus poços de petróleo jorrando à beira e para opor-se à estratégia comunista. Querem

evitar que, à custa do petróleo, os comunistas reconquistem o controle das massas.

O mais incrível de tudo isso é que as campanhas do petróleo são lançadas no preciso momento em que as populações sofrem escassez de vários gêneros alimentícios, quando pelas manobras peronistas e dos moinhos não se torna intragável pela mistura de várias outras farinhas.

E' preciso que, no meio da mistificação dos comunistas e da confusão dos democratas em torno do petróleo, erga-se a voz socialista pondo a nu os mitos dessas campanhas e diga, com toda a clareza e coragem, que a solução do problema do petróleo não pertence às massas, pois tanto os esquemas dos dois generais se mantêm nos quadros da economia capitalista. Com ou sem petróleo, as condições sociais dos trabalhadores permanecerão as mesmas.

E' preciso que se diga que a elevação das condições de vida das massas não significa obrigatoriamente a elevação das condições sociais e políticas das massas trabalhadoras. Tanto isso é verdade que Hitler, que reduziu a classe operária a um aglomerado sem direitos e sem organizações, oferecia a vários brandes setores da classe operária alemã elevado nível de vida.

Fundamentalmente, toda a es-

tratégia dos socialistas é norteada para a emancipação econômica dos trabalhadores, à qual tudo o mais é subordinado e para a qual tudo o mais tem de servir de instrumento. Desse modo, tem de se mostrar que a campanha pelo petróleo somente serve para desviar a atenção dos trabalhadores dos verdadeiros problemas que lhes interessam e que podem ter influência na luta pela emancipação econômica do proletariado.

Agora, todos os esforços devem ser feitos para mobilizar os trabalhadores para a conquista da autonomia sindical e do direito de greve, condições indispensáveis à luta pela emancipação dos trabalhadores e para a manutenção da democracia. Só com a autonomia é que os sindicatos poderão tornar-se fortalezas democráticas porque poderão lutar-se pelas verdadeiras necessidades das massas que representam, libertando-se da tutela do Estado, opondo-se a este quando for necessário. Só com amplo direito de greve é que o proletariado terá liberdade de ação, defendendo a sua independência e contando com a sua arma mais decisiva para a conquista de melhores condições de vida e de trabalho.

Chegou o momento de se desenvolver uma grande campanha em prol da autonomia sindical e do direito de greve, afim de que o

Parlamento aprove leis referentes a estas questões mais favoráveis aos trabalhadores.

A luta pela autonomia sindical e pelo direito de greve tem uma importância extraordinária para a vida do movimento operário e para a própria emancipação econômica dos trabalhadores. A luta pelo petróleo somente vem fortalecer o Estado nacional e a grupos burgueses e imperialistas, cujos objetivos são a permanência do proletariado nesse regime de opressão e exploração.

HILCAR LEITE

Vanguarda SOCIALISTA

Orgão marxista de interpretação e doutrina.
ANO III — 17 de Outubro, 1947
— N.º 112 —
Diretor: MARIO PEDROSA.
Secretário: HILCAR LEITE.
Redação e Administração:
RUA MEXICO, 98 - 7.º, s. 708
Rio de Janeiro

Assinatura anual Cr\$ 30,00
Numero avulso Cr\$ 0,50
Nos Estados Cr\$ 0,60
Numero atrasado Cr\$ 1,00
Os cheques ou vales postais devem ser emitidos em nome de Hylcar Leite.

SUCURSAL EM SÃO PAULO
R. do Carmo, 72 sob., tel. 3-9242
Direção: João da Costa Pimenta

Linguagem de Hollywood

IV
O PARQUE DE DIVERSÕES DO CAPITALISMO

JAMES T. FARRÉL

Há muito tempo se observa a influência de Hollywood no drama e na novela. Atualmente as novelas são vendidas como argumento para filmes antes de serem escritas. Qualquer um pode adivinhar com que se parecerão a maior parte desses livros; ou se desejar saber sem recorrer à adivinhação, basta que leia Louis Bromfield. Outra influência penetrante de Hollywood na novela, é o estímulo que deu a uma espécie de realismo artificial o qual imita todas as características da literatura realista séria, mas não contém nada do seu significado profundo, do protesto interior contra os males, a revelação do mecanismo e a estrutura sociais que percebemos no realismo sério. Esta tendência é ilustrada por livros tais como "O Carteiro Sempre Chama Duas Vezes". A influência da indústria cinematográfica pode manifestar-se sob formas inimagináveis. Por exemplo temos o desvio do talento e sua escrivização, em uma palavra, a retrogradação da consciência, que comentamos anteriormente. Uma grande proporção do talento literário dos Estados Unidos está desviado para a produção, para Hollywood e para o rádio. Em muito casos há uma certa inevitabilidade nisto. Com a ascensão dessas indústrias a situação que se criou para os escritores é de tal ordem que em conjunto, o mercado literário pode manter apenas um número relativamente pequeno desses escritores. Um escritor representa mais do que um talento individual: representa o grande trabalho social que teve de dispendir para poder com o seu talento, realizar algo. Esse trabalho social foi prodigalizado no desenvolvimento do talento literário, nos Estados Unidos. Os talentos, porém, em vez de entregarem trabalho em troca do trabalho social que lhes tornou possível desenvolverem-se, consumiram-se, na produção de "cenários". Possitivamente, isso constitui um prejuízo social. E quase não se pode por em dúvida o fato de que existe uma correlação entre o êxito dessa cultura comercial e a perda do vigor estético e moral que se nota em tão grande parte da literatura contemporânea. E outro não pode ser o resultado, quando o talento é aferrolhado e vendido como uma mercadoria, quando se ministra ópio ao público e quando os gostos são confusos e depravados.

A cultura de uma sociedade não devia ser considerada como simples ornamento, passatempo, ou forma de diversão. A cultura é a vida, é a consciência dessa sociedade. Quando fracassa nessa finalidade, afasta-se cada vez mais das verdadeiras raízes da vida. Tal é, de maneira precisa e inequívoca, a situação dos Estados Unidos da América, onde temos essa tremenda cultura comercial, que se vai estendendo como um polvo gigantesco. Consideremos quantas vidas, quanta força de trabalho, quanto talento e quanto produto social Hollywood devora! E não é somente Hollywood. Tudo isso se esvai também dentro da cultura comercial americana, em conjunto. E

o custo social é fabuloso. Estamos familiarizados com o custo financeiro dos filmes. Um milhão de dólares. Mais ainda. Pois bem: vamos ver mais uma vez o que se produziu por um tal preço. E uma vez mais vemos um filme tão estúpido que é até um insulto à nossa inteligência. Mais uma vez é a história inepta dos dois jovens que se encontram, e tudo isso encenado, montado, glorificado a ponto de converter-se num absurdo monumental. E tão habituada a isso está a maioria da gente, que não se vê nesse absurdo nada que não seja correto.

O conjunto de uma tal estrutura pode ser definido, metafóricamente, como um grandioso "Luna Park" do capitalismo. E quando nele penetra, o artista sério pode perfeitamente citar as palavras de Dante: "Perdi toda a esperança, oh, vós que aqui entráis".

E' essa cultura que não serve aos homens; pelo contrário, transforma-os em escravos seus. Sua mais alta medida de valor revela-se em pequenos algarismos escritos em vermelho e negro, em folhas de papel, os quais registram ganhos e perdas. Deixemos aos que defendem essa mascarada o trabalho de justificá-la. O melhor é vê-la tal qual é, e renunciar aos ideais objetivos que ela concretiza. O escritor que faz isso coloca-se na categoria que um executivo de cinema já definiu como sendo a do "literato irresponsável". Definição correta: irresponsável por esse sistema. Responsável porém por um ideal que trata

de mostrar aos homens a vida tal qual é agora, que trata de fazer o que pode no esforço necessário para criar no homem a consciência de seus problemas, de suas necessidades e de seu futuro, e que o ajudará a criar uma sociedade melhor.

"The New International"

Os Sindicatos Americanos e a nova lei sindical

Penalidades impostas pelas práticas ilegais dos sindicatos

Quando é feita uma acusação a um sindicato, antes mesmo de um interrogatório, a NLRB pode determinar a realidade da acusação, e obter uma injunção contra o sindicato, no Tribunal Federal. Se o sindicato continuar com as práticas fraudulentas de que é acusado, torna-se culpado de desprezo às ordens do Tribunal, e isso pode ter como resultado multas ou prisão. Se um sindicato é acusado de levar a efeito uma greve ilegal ou boicote secundário, diz a Lei que a Junta pode solicitar uma injunção, e até mesmo obtê-la dentro de cinco dias, sem nenhuma modificação ao sindicato interessado.

Depois que a NLRB tiver realizado um interrogatório, se tiver verificado que o sindicato é culpado de prática trabalhista

fraudulenta, pode ordenar ao referido sindicato que de um fim a tais práticas ou atividades, ou pode instruir o sindicato, no sentido de assumir alguma ação afirmativa. Se um operário tiver sido dispensado por insistência do sindicato, a Junta pode também ordenar a este último que lhe pague os salários que perdeu, enquanto esteve sem trabalho, e os sindicatos podem ser forçados ao cumprimento de tais ordens, por intermédio dos Tribunais.

"Closed Shop" e "Union Shop"

Segundo estipula a nova lei são proibidas as "closed shop" (nas quais nenhum trabalhador pode ser contratado ou continuar a trabalhar, a menos que seja membro de sindicato). Contudo, qualquer contrato de "closed shop" (contrato de trabalho coletivo) que tenha entrado em vigor antes de 23 de junho de 1947, continua a ser legal, até expirar o contrato. E qualquer contrato semelhante entrado em vigor entre 23 de junho e 21 de agosto de 1947, será legal pelo período de um ano, apenas.

Uma "union shop" (na qual qualquer empregador pode contratar qualquer trabalhador, seja ele não membro de sindicato, devendo contudo o referido trabalhador entrar para o sindicato ao fim de 30 dias de trabalho, pelo menos, ficando assim habilitado para conservar o emprego) é permitida, mas apenas nas seguintes condições:

1.º O sindicato deve ser o agente de negociações de uma maioria de trabalhadores.

2.º Uma maioria de todos os operários deverá votar numa

eleição especial, mantida pela NLRB, para uma "union shop". Uma maioria de todos os que têm o trabalho de votar não é suficiente; é preciso que seja uma maioria de todos os trabalhadores elegíveis para votar.

3.º Antes de que um sindicato possa solicitar a NLRB a licença para efetuar uma eleição de "union shop", precisa apresentar à Junta a prova de que pelo menos 30 por cento de todos os trabalhadores desejam a "union shop".

Antes de que um sindicato possa requerer à NLRB a realização de uma eleição, ou fazer uma acusação de prática fraudulenta contra um empregador, precisa apresentar certos documentos e relatórios. Os seguintes devem ser apresentados ao secretário do Trabalho:

- Exemplares da Constituição local e internacional e estatutos;
 - Um relatório mostrando o nome e o endereço do sindicato; os nomes, títulos salariais e despesas dos funcionários; métodos de eleição ou nomeação de funcionários; custo das taxas de admissão e das contribuições; informações quanto às qualificações para entrada no sindicato, eleições, reuniões, pagamento de contribuições, etc;
 - Um relatório financeiro anual, do qual deve ser fornecida uma cópia a cada membro do sindicato.
- Além disso, cada funcionário do sindicato local ou internacional tem de apresentar todos os anos à NLRB, um affidavit declarando que não é membro do Partido Comunista nem faz parte de nenhum grupo "subversivo".
- A constitucionalidade desses requerimentos será discutida nos tribunais.

Processos contra sindicatos, por danos e injunções

Desde o dia da aprovação da lei (23 de junho último) os sindicatos se tornaram passíveis de processos por danos e injunções nos tribunais federais. Os motivos pelos quais tais ações podem ser propostas são os seguintes: violação de um contrato, pelo sindicato; recorrer o sindicato a boicotes secundários ou greve jurisdicional.

Visto que uma greve realizada durante o termo de um acordo coletivo, constitui a mais provável forma de violação de contrato, é aconselhável aos sindicatos, que se recusem a incluir a cláusula "não fazer greve", entre as provisões dos futuros contratos. A United Mine Workers, nos seus contratos mais recentes, assumiu uma atitude afirmativa quanto a livrar-se de possíveis demandas sob a nova

Lei, provendo que os mineiros trabalharão "enquanto puderem e quiserem trabalhar".

A necessidade para os sindicatos, de se protegerem em seus contratos contra possíveis processos por danos é acentuada ainda por outra provisão da nova Lei. Segundo essa cláusula, um sindicato é "preço aos atos dos seus agentes", e visto que a lei não define quem são esses agentes, os sindicatos passíveis de acusações irresponsáveis de danos talvez até mesmo de multa, ainda que tais atos nunca tivessem sido autorizados ou aprovados.

Restrições de pagamentos aos sindicatos (check-off e Caixas de beneficência)

A lei proíbe os pagamentos de qualquer espécie, por qualquer patrão, a um sindicato ou a qualquer dos seus funcionários ou representantes. As violações continuam infrações criminosas, podendo tanto o empregador como o sindicato serem sujeitos a multas superiores a 10.000 dólares ou a um ano de prisão ou mais, ou às duas penas, ao mesmo tempo. Há apenas duas exceções a essa proibição:

1.º — Um check-off das contribuições de um sindicato é permitido apenas quando o empregador é autorizado a isso, por escrito, pelo trabalhador individual. Tais autorizações são válidas apenas para o período de um ano. A lei refere-se apenas ao controle de contribuições. Parece que o controle de taxas de admissão, multas ou fundos mesmo quando autorizados por escrito, por um empregado, são ilegais.

2.º Os pagamentos feitos pelo empregador aos welfare funds são permitidos, mas somente quando são preenchidas as seguintes condições: o dinheiro deve ser conservado como um fundo à parte desse fundo deverá ser empregado apenas para fins de benefícios; os planos detalhados para o pagamento de benefícios devem ser apresentados num acordo escrito; tanto o sindicato como o empregador devem ser igualmente representados na administração do fundo; o fundo deve ser submetido anualmente a um exame de contas.

Os welfare funds que existiam já antes de 1 de janeiro de 1946, continuam a ser legais, mesmo que não correspondam às condições referidas acima.

(Condensação tirada do "New Leader", de 9 de agosto de 1947).

Assinai
"VANGUARDA SOCIALISTA"

Perspectivas internacionais

Continuação da pág. 2

tudo comunista é levado a praticar. (Esse internacionalismo-patriótico-russo exprime as condições do stalinismo no mundo inteiro). Equivale, outrossim, à mobilização de um exército internacional com comando único, visando fortalecer a insurreição europeia necessária ao avanço posterior das forças regulares do exército russo.

A Rússia não respeita fronteiras nem soberanias contrárias aos seus interesses expansionistas. Liquidou a soberania popular e nacional dos países balcânicos. Atravessou as fronteiras da Grécia e armou a insurreição dos guerrilheiros contra o governo de Atenas e o dos Estados Unidos. Atualmente planeja o levante geral do norte da Itália contra o governo de De Gasperi, visando isolar, pelo sul, a Alemanha antes da Conferência de Londres. Caso os comunistas não se apoderem do poder, nestas eleições municipais da Itália e na França, é mais que provável que abandonem, de imediato, as táticas legais naqueles países e façam um apelo às armas do movimento subterrâneo, que nunca deixou de existir no sub-solo da Europa.

Neste sentido, a guerra aberta aos socialistas ocidentais indica que Stalin quer forçar a mão, uma vez que a fase legal tende a terminar. Fracassada a tentativa de "unificar" as "esquerdas" por cima, o Kremlin tem em mente destruir a cúpula do movimento socialista, de maneira a poder arrastar e "unificar", no combate, às suas ordens, a maioria da classe trabalhadora da Europa, condição sine qua non para vitórias dos russos no continente europeu.

Discordamos do nosso companheiro Pedrosa, quando diz que o tempo trabalha unicamente contra a Rússia na guerra fria que se trava entre aquela potência e os Estados Unidos. O tempo, isto sim, trabalha contra as duas potências. Sabem elas que podem perder o controle da Europa se deixarem a situação deteriorar-se a um grau excessivo, antes que uma delas se tenha apossado do terreno. Explica-se assim a atitude de Stalin assestando, ao mesmo tempo, suas baterias contra o plano Marshall e contra o socialismo europeu, que no momento crítico da luta inter-imperialista pode forçar uma terceira solução para o problema europeu e conseguir a paz.

TESE

A idéia soberania se consubstancia na existência de poder militar e econômico. Não existindo esse poder, a soberania de um país não pode afirmar-se no trato independente das questões internacionais e muito menos nas lutas armadas. Não existe soberania para um país quando cessa a sua possibilidade de defender suas fronteiras militares e interesses econômicos no mercado mundial.

Atualmente, subsistem apenas duas soberanias reais: a do imperialismo russo e a do imperialismo americano.

Por isto mesmo, a luta contra as soberanias nacionais e pelo internacionalismo socialista se confunde hoje em dia com a luta contra os dois imperialismos.

Não se pode lutar pelo que já não existe mais. Exemplo: a soberania da Tchecoslováquia ou do Panamá. Aquele que lutar pela soberania de uma delas estará lutando, na realidade, em defe-

Se observarmos uma estatística do Ministério do Trabalho referente aos sindicatos e de sindicalizados, ficaremos espantados pelos números que apresentam tal estatística. Por todos os Estados, por todos os municípios se desenvolve a rede sindical, que conta também com organizações federativas de âmbito nacional e estadual. Em nenhuma época da história do movimento operário, contou o proletariado no Brasil com tantas organizações. Pelas estatísticas, verifica-se a amplitude e profundidade alcançadas pelo sindicalismo oficial getuliano, tornando praticamente compulsório pela exigência de ser membro de organização sindical reconhecida para poder defender os interesses perante a Justiça do Trabalho. Os benefícios conce-

SOCIALISMO E SINDICATO

didos pelo ditador na legislação do trabalho e o monopólio dado aos sindicatos para representar os trabalhadores na Justiça do Trabalho foram os dois maiores instrumentos empregados pelo Estado Novo, seguindo as pegadas do fascismo, para arrastar os proletários aos redes estatais, que conservaram o nome de sindicato mais como motivo mistificador e demagógico. No entanto, apesar dessa imensa estrutura organizatória, que abarca todo o território nacional e apesar de que o Estado Novo foi derrubado há quase

dois anos, o movimento sindical continua subordinado ao Estado, com organizações separadas uma das outras, isoladas da vida real do país, afastada das outras classes oprimidas da população, manejadas à vontade por queremistas e agentes patronais e governamentais. Não obstante a queda da ditadura e da existência das liberdades democráticas, mais ou menos respeitadas aqui, mais ou menos desrespeitadas acolá, pôde o governo enxotar os comunistas dos sindicatos, sem protestos e sem resistências, pôde o gover-

no impor interventores e manejar as organizações como quer. A burocracia ministerialista sindical continua parasitando o proletariado, vivendo às custas das contribuições e das extorsões do imposto sindical. Na verdade, apesar de poderosa estrutura que apresenta o movimento sindical, nunca no Brasil, foi o proletariado tão fraco, como hoje. E' apenas hoje uma classe para os outros, explorada por demagogos, iludida por mistificadores de todos os títulos.

O proletariado ainda não se libertou das pelas que lhe vieram sendo criadas desde o famoso decreto 19.970, a primeira lei de sindicalização traduzida da legislação mussoliniana, que colocou o sindicato sob controle do Estado, destruindo pouco a pouco, graças à combinação de medidas legislativas e de violências repressivas, o movimento sindical independente, herdeiro das tradições dos primeiros do sindicalismo no Brasil.

tro, tanto mais que são manejados por aventureiros e funcionários governamentais. Sem finalidade socialista, sem esclarecimento socialista, giram em torno apenas da defesa de seus interesses, considerando como tais o que está inscrito na legislação do trabalho, feita pelo próprio governo burguês, que outra coisa não é senão o comitê executivo da classe economicamente dominante.

O renascimento do movimento sindical no Brasil está condicionado não apenas à reconquista da autonomia e do direito de greve mas, principalmente, ao esclarecimento, à conquista dos operários pelo socialismo. Sem teoria socialista, o proletariado no Brasil continuará enfraquecido e sem possibilidade de dar um passo sequer em direção de sua emancipação econômica. A autonomia sindical é necessária, porém ela apenas não resolve o problema do movimento sindical, pois é possível, mesmo com organizações autônomas, que os sindicatos sejam postos a serviço de fins que nada tenham de proletários. Mesmo com autonomia e com o direito de greve, mas sem teoria socialista, o movimento sindical se dedicará apenas a um trabalho de remendo do capitalismo, à luta contra os efeitos do capitalismo. E, cedo ou tarde, se verá num beco sem saída.

A corporação, porém, só defendendo os interesses imediatos de seus membros, não se opõe diretamente ao mundo burguês em conjunto, mas, a princípio, somente aos capitalistas de cada profissão. Ao lado desses capitalistas, há uma legião de elementos burgueses, vivendo direta ou indiretamente da exploração dos proletários e tendo, por conseguinte, interesse na ordem social burguesa; estes se opõem o tudo que entrave a esta exploração, pouco lhes importando que as constituições de trabalho numa especialidade sejam piores do que em outras.

Que o tecelão de Manchester ganhe dois schillings ou 2sh ½ por dia, trabalhando 10 ou 12 horas, isso muito pouco preocupa o grande proprietário territorial, o banqueiro, o diretor de jornais, o advogado, etc., a não ser que possuam ações numa fábrica de tecidos daquela cidade. Toda essa gente pode ter interesse em fazer determinadas concessões às corporações para obter, em troca, serviços políticos. Foi assim que, nos países em que as corporações não eram esclarecidas por uma teoria socialista, houve a possibilidade de pô-las a serviço de fins que nada tinham de proletários (os grifos são nossos).

Está aí retratado o movimento sindical no Brasil. Não esclarecidos por uma teoria socialista, os sindicatos, em troca de certas concessões se prestam a serviços políticos e de outras espécies que nada têm de proletários. Permanecem estranhos uns outros e se opõem hostilmente uns aos ou-

ros, tanto mais que são manejados por aventureiros e funcionários governamentais. Sem finalidade socialista, sem esclarecimento socialista, giram em torno apenas da defesa de seus interesses, considerando como tais o que está inscrito na legislação do trabalho, feita pelo próprio governo burguês, que outra coisa não é senão o comitê executivo da classe economicamente dominante.

O crime dos comunistas consiste em que, explorando slogans revolucionaristas, querem algar o proletariado a um programa anti-socialista, baseado no fortalecimento do Estado Nacional, ao mesmo tempo em que pretendem encabrestar as massas para que só se movimentem ao sinal do partido, que por sua vez só se movimenta ao sinal de Moscou, ou de seu novo subúrbio, Belgrado.

A tarefa dos socialistas no campo sindical é ainda, em grande parte, de propaganda, pela palavra ou pela ação. Cabe a nós, socialistas, a luta pela conquista do proletariado para o socialismo. Só esclarecidos por uma teoria socialista é que os operários deixarão de ser instrumentos postos a serviço de fins não proletários.

Como Marx, temos de apresentar o único programa socialista historicamente justo: a emancipação econômica do proletariado pelo caminho da luta de classe econômica e política.

ELOI

Vanguarda SOCIALISTA

ANO III Sexta-feira, 17 de Outubro de 1947 N. 112

O problema do SAPS

Continuamos a receber várias reclamações contra o Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS, custeado por verbas dos institutos e caixas, mas que, por inexplicável segredo de administração, goza de autonomia talvez maior do que dos próprios institutos.

Avolumam-se as queixas contra o maior diretor, que se rodeia de um grande estado-maior, tendo nomeado pessoas de sua família para aquele departamento, todos com bons ordenados.

Não obstante as críticas generalizadas em toda a imprensa, o maior diretor, também inexplicavelmente, não desce de sua majestática posição para rebater as acusações que lhe são feitas e à sua administração. Parece considerar que, nomeado pelo presidente Dutra e gozando de prestígio junto ao mesmo não precisa senão falar com o manda-chuva atual do Brasil, revelando assim péssima educação democrática.

Os representantes dos Conselhos dos Caixas da Previdência Social nada fazem para lutar com os abusos cometidos pelo maior diretor do SAPS. Os dirigentes sindicais, por sua vez, também não agem por temor de perder as mamatas dos cofres da Comissão do Imposto Sindical. Dessa maneira, os trabalhadores ficam indefesos e a direção do SAPS se sente à vontade para fazer o que quer.

Mas, em torno do SAPS, vem se criando uma outra onda. Petebistas e outras correntes oportunistas querem fazer com que o atual administrador do SAPS seja demitido e, aproveitando-se das queixas dos trabalhadores, levantam acusações ao emprego de verbas pelo diretor do SAPS. Está claro que querem apenas, com a máscara de defensores dos operários, conse-

guir aquele posto, bem importante para a política de mistificação e demagogia, que é toda a ideologia desse "trabalhismo" que grassa no Brasil.

Ora, o SAPS, para ser bem dirigido e para corresponder às suas finalidades, precisa sofrer uma reforma radical. Ao contrário de ser dominado por um diretor todo poderoso, que faz o que quer, a direção do SAPS deve caber aos próprios trabalhadores, que deveriam ter delegados junto a cada restaurante, não só para fiscalizar a administração mas também para proteger a saúde dos trabalhadores, verificando a qualidade dos gêneros consumidos, a higiene, etc. A excessiva autonomia do SAPS, na parte administrativa, deveria ser restringida, passando a exercer mais poderes os conselhos fiscais dos institutos e caixas da Previdência Social. De outra maneira, o diretor que substituir o atual praticará abusos iguais ou maiores. O arbítrio da administração só pode ser controlado pela participação dos trabalhadores na própria direção do SAPS.

Na verdade, a atual direção atual do SAPS está se excedendo. De fato, está agindo como se aquilo fosse uma casa comercial. Agora, "inventou" duas "qualidades" de boia, uma ao preço de Cr\$ 4,00 e outra ao antigo preço de Cr\$ 1,40. Essa "distinção" vai contra a própria finalidade do SAPS, que foi feito para educar os trabalhadores no campo da nutrição. A diferença entre o custo da alimentação e o preço pago pelos trabalhadores é coberta pelas contribuições das caixas e institutos. A determinação dum preço relativamente baixo nos restaurantes do SAPS visa também não só atrair os trabalhadores, acostumados a velhos preconceitos alimentares, como também exercer pressão sobre

os restaurantes particulares quanto a preços. Daí não se justificar duas classes de refeições, o que é a confissão da deturpação dos objetivos do SAPS. E' a finalidade educativa alimentar e, assim, acaba qualquer justificativa para a existência do SAPS.

Se o SAPS e a Previdência Social consideram que a manutenção do preço de Cr\$ 1,40 determina uma enorme diferença com o preço do custo das refeições, exigindo verbas bem grandes, determinando prejuízos que não podem ser aguentados pelos institutos e caixas, então deve lealmente explicar o caso aos trabalhadores e dizer-lhe que é preciso aumentar o preço das refeições. O uso de manobras é que é uma imoralidade.

Obra educativa e financiada pela Previdência Social, o SAPS não pode ter pretensões a obter lucros por seus serviços e não pode também recusar-se a atender os interesses dos trabalhadores. Daí não compreendemos a resistência da atual direção em ordenar o serviço de jantar para os restaurantes da Estiva e do Leblon. Órgão de finalidade educativa, não pode e não deve o SAPS proibir o fornecimento de refeições a soldados do Exército e da Polícia, a marinheiros e a estudantes. Ao contrário, os restaurantes do SAPS, apesar de sustentados pela Previdência Social, deveriam ser abertos, franqueados a todos, de modo a abranger em sua educação as mais largas massas da população.

A Previdência Social recebe contribuições de trabalhadores de todo o país e, por isso, o SAPS não pode limitar-se ao Rio e a São Paulo. Os investimentos feitos na construção de restaurantes em Niterói, Juiz de Fora e outras cidades que concentram grande número de trabalhadores, é um dever do próprio SAPS e da Previdência Social. Os serviços dessas duas instituições devem ser reais e não apenas para efeito de publicidade.

Condenamos os escândalos administrativos do SAPS, mas queremos acentuar que não são produtos exclusivos do atual maior diretor. São causados pela própria organização burocrática da Previdência Social e de seus órgãos, pela qual os diretores são verdadeiros autocratas. E' preciso não esquecer que, tanto o SAPS como a Previdência Social ou foram criações do Estado Novo ou foram adaptados ao Estado Novo. Daí a predominância do presidente, do diretor, do chefe. O Estado Novo precisava, para manter-se, reproduzir em todos os órgãos o quadro do Governo, no qual o ditador é tudo e é independente de qualquer órgão de controle. O que o SAPS precisa, assim como a própria Previdência Social, é de uma profunda reforma democrática, pela qual os trabalhadores, e os sindicatos tenham participação ativa na direção e gozem de direitos de fiscalização.

Os longos anos de dominação descontrolada getuliana, 1937 — 1945, com a separação violenta da massa de seus melhores elementos, o terror espalhado pelo emprego da lei de segurança nacional, a campanha nacionalista e totalitária, para a qual muito contribuíram os comunistas com as suas "lutas" pela industrialização do país e pelo apoio a Getúlio devido à guerra contra a Alemanha então já em campo oposto à Rússia, tudo isso é a miserável herança com que luta o proletariado no Brasil, o que continua pesando para mantê-lo na apatia, escravizado aos órgãos estatais batizados de sindicatos, incapaz de transformar essas repartições em verdadeiros órgãos da classe operária.

Deposta a ditadura em 1945, o partido comunista, já então mero instrumento da política soviética, visou apenas assegurar as posições que havia conseguido no período de abril-outubro de 1945, quando, graças ao apoio que deu ao continuísmo getuliano, teve facilitada a sua ação pelo próprio governo. A função que cabia a um verdadeiro partido operário, a libertação do opio getuliano, não foi assim realizada. Ao contrário, a atitude dos comunistas somente serviu para fortalecer na mente dos proletários os postulados reacionários e fascistas do Estado Novo.

A fraqueza da nossa voz socialista não conseguiu eco no

POR UMA EUROPA SOCIALISTA

FENNER BROCKWAY, ex-presidente do Partido Trabalhista Independente e atualmente membro do Partido Trabalhista Britânico.

Muitos dentre nós lamentam a decisão da Rússia de excluir-se do plano europeu de cooperação econômica. Isso não significa porém que acariemos qualquer ilusão acerca da oferta dos EE. UU.

Há na América muitos idealistas que, ao dar o seu apoio à iniciativa Marshall, são levados por um sincero desejo de garantir a Europa, contra a ruína e de pôr um fim ao fatal antagonismo entre o Leste e o Oeste. O governo americano, entretanto, representa a mais impiedosa classe de capitalistas e financeiros no mundo de hoje. Basta olhar para as leis que estão sendo aprovadas agora contra o trabalho americano, para que esse fato resalte claro.

Os motivos americanos não são humanitarismo e pacifismo, e sim mercados e dólares.

O governo americano deseja a recuperação econômica da Europa porque a procura europeia de mercadorias, em larga escala, constitui o único meio de dar vazão à vasta produção americana, e evitar, assim, a falência prematura e desastrosa de todo o sistema.

No seu livro, "The Coming Crisis" o Dr. Fritz Steinberg mos-

trou que durante a segunda guerra mundial, a produção dos EE. UU. atingiu a uma e meia vez a importação total do resto do mundo, em 1929. Triplicou, pois, o potencial do comércio exterior da América.

Por outras palavras, foi preciso que triplicassem as compras de mercadorias americanas pela Europa, Ásia e URSS, para que se mantivesse o equilíbrio econômico nos EE. UU.. Conquanto má, a situação na Europa promete lucros mais imediatos do que a Ásia. Daí, o entusiasmo americano pela recuperação europeia.

Quanto à reconciliação entre Leste e Oeste, estou inteiramente seguro de que os Estados Unidos jamais contemplaram a participação da Rússia no plano de recuperação da Europa. Marshall não estendeu o seu convite à Rússia, senão depois de segunda reflexão, e, conforme eu soube, nas suas conversações em Londres com os ministros britânicos, o sr. Clayton agiu como se presumisse que a Rússia iria de si mesma excluir-se do plano.

Os porta-vozes americanos dizem agora publicamente que a Europa é livre de preparar o plano que desejar mas, de fato, Washington e Wall Street elaboraram inteiramente a estrutura principal do plano, e longe de incluir a Rússia, contempla uma Europa na qual a cortina de aço se torna uma parede de aço. Sei que há três propósitos prin-

cipais, no plano americano. O primeiro é estabelecer a moeda na Europa de modo a encontrarem uma relação eficiente para o dólar.

O segundo é assegurar a manutenção de um mercado aberto na Europa para as mercadorias americanas. O terceiro é reconstruir, sob os auspícios americanos, as indústrias de carvão e de aço do Ruhr, o coração industrial da Europa.

Nenhum socialista internacional pode endossar a promessa feita por Molotov na conferência de Paris, para a conservação das soberanias nacionais na Europa, em matéria econômica. Isso mataria toda a concepção de planejamento continental, que é essencial para a recuperação da Europa. Não há, em face disso, socialista que não compreenda o perigo de uma intervenção que viria a matar a esperança de uma economia planejada, na base da propriedade pública.

Contaram-me por exemplo que, ao passo que o plano americano para o Ruhr inclui vasta reconstrução no modelo da Tennessee Valley Authority, (Administração do Vale do Tennessee) não concerne ao seu desenvolvimento técnico, o Sr. Clayton tornou claro que a proposta britânica de socialização das indústrias pesadas alemãs seria dificultada, e seriam chamados té-

(Continúa na 2.ª pág.)

A PIOR DO MUNDO...

O Sr. Herbert Levi, na Comissão de Finanças da Câmara, levantou-se contra o projeto de reforma da lei das cooperativas, elaboradas por um grupo de parlamentares, auxiliado por vários técnicos cooperativistas, entre os quais o Sr. Waldiki Moura, da Caixa de Crédito Cooperativo, sobre a qual já demos a nossa opinião.

As ligações do Sr. Levi com bancos paulistas são conhecidas e por isso a sua oposição não espantou a ninguém. O que causou admiração foi que o Sr. Herbert Levi apoiou-se num parecer do Sr. Otacilio Tomanik, ex-diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado de São Paulo, que se opõe à reforma da lei 22.239, cipoal de exigências que liquidou de vez um a autonomia das cooperativas. Tomanik considera a lei fascista e burocrática de Getúlio a melhor do mundo. A lei getuliana dá uma importância enorme aos ser-

viços oficiais de controle das cooperativas, que se tornaram senhores dos destinos das organizações. É bem evidente que Tomanik, certamente educado nos princípios do totalitarismo fascista, defende a continuação da subordinação das cooperativas ao aparelho estatal.

O que a Comissão deve fazer é procurar melhorar o projeto de reforma apresentado, ampliando ainda mais as normas democráticas que devem reger as cooperativas. A opinião generalizada de técnicos oficiais e dirigentes de cooperativas é a de que o decreto-lei 22.239 é um impediço às cooperativas.

Apoiamos o projeto de reforma, apesar das suas lacunas, porque concede um pouco mais de liberdade e autonomia às cooperativas. É um passo para o restabelecimento das normas democráticas. Daí acharmos que deve ser apoiado, melhorando as suas disposições ainda mais.

"A liberdade, a liberdade, eis todo o meu sistema: liberdade ao infinito, liberdade absoluta, liberdade por toda parte e sempre" - (PROUDHON)